

João Malato OL LIBERAL

Audácia e impunidade

O Dia da Pátria, que comemoramos no último domingo, não poderia sofrer maior insulto e menoscabo, do que aquele que lhe foi lançado, em Pernambuco, pelo padre italiano Vitor Miracapillo, que não somente se negou a rezar a missa congratulatória pela grande data, como avançou a afirmativa achincalhante de que a independência brasileira era uma mentira, e que o nosso povo estava reduzido à condição de pedinte e desamparado em seus direitos.

Eu não sei o que, na Itália, fariam a um padre brasileiro, ou de qualquer outra origem, que avançasse semelhante agressão pública aos brios e à respeitabilidade cívica do povo italiano. Tenho, porém, a certeza de que o energúmeno não dormiria uma noite a mais, na paróquia que não tinha sabido honrar, e dela sairia como eu vi sair, na década de 40, um vigário da cidade de Abaetetuba que, acusado de haver abusado da honestidade de uma moça da sociedade local, foi arrancado de sua sacristia, por uma multidão enfurecida, e levado sob apupos e sopapos até o trapiche municipal, onde foi embarcado em uma pequena canoa a vela e mandado de volta a Belém, onde a vergonha e o opróbrio cedo o liquidaram.

É preciso reconhecer, aliás, o grande desgaste que o civismo vem sofrendo, ultimamente, em nosso país, para compreender a passividade enfermeira demonstrada pelo agente pernambucano, diante do labéu assacado à Nacionalidade, por um clérigo alienígena que não tem por que permanecer num país despido das menores condições de livre arbítrio, e do senso do direito, e onde o povo é um mendigo das prerrogativas mas simplistas. Outra fora a épo-

ca em que vivêssemos, como por exemplo, a que precedeu a entrada do Brasil nas duas Grandes Guerras Mundiais, em que alemães, italianos e japoneses sofreram as consequências do civismo exacerbado que caracterizava a nossa gente, - e a estas horas, esse padre Vitor Miracapillo já estaria viajando, de cara inchada, no rumo de outras terras em que a Pátria não fosse objeto daquele culto que Bilac tão bem estereotipou no seu soneto imortal: "Tu golpeada e insultada, eu tremerei sepulto/e meus ossos no chão, como as tuas raízes/Estremecerão de dor, sofrendo o golpe e o insulto".

Com a última chacina do Araguaia, em que 20 pessoas indefesas, entre adultos e crianças, sofreram morte atroz e bárbara, a opinião pública já começava a estranhar que o famoso "Conselho Indigenista Missionário" não estivesse por trás dessa façanha sangrenta, - quando ontem, finalmente, ele botou a cabeça de fora, através do pronunciamento agressivo e insolente do seu secretário-geral, padre Iassi Junior, que se vangloria, dos seus vinte anos de acirramento e insuflamento das "minorias étnicas", e afirmou que as "duas recentes matanças praticadas em São José do Xingu, com doze pessoas mortas, e em Conceição do Araguaia, com 20 outras sacrificadas, não foram mais do que "o grito de reafirmação dos direitos de um povo que está desesperado". Para o iracundo missionário, "os índios estão cansados de ser enganados, e por isso, estão fazendo valer os seus direitos numa situação de desespero".

Depois da matança de "Espadilha", as preocupa-

ções do padre Iassi Junior voltam-se, agora, como ele disse, para a situação dos Nambikuaras, no alto Guaporé, em Rondônia, e cujas terras serão cortadas pelo traçado da rodovia BR-80, o que, no dizer do padre insuflador, será fatal para os indígenas. Com isso, ele quis anunciar que, dentro em breve, teremos uma terceira matança, e desta vez no vale do Guaporé, onde o CIMI já deve ter deixado tudo preparado, inclusive os espíritos e as bordunas, para a próxima chacina, de que as matas da Amazônia vão ser teatro.

E será dessa forma que os "padres-guerrilheiros" (como se chamou a si mesmo o bispo Casaldáliga, de São Félix do Araguaia), pretendem comandar a subversão deste país, que já começou pelas matanças de S. José do Xingu e do Araguaia, e não se sabe onde terminará, já que muitos milhares de posseiros e invasores de terras, passaram também pela catequese subversiva desse clero sem batina que infesta os nossos sertões.

////

HONRAS A UM SACERDOTE - Monsenhor João Pereira de Barros, vigário capitular de Vitória, é um sacerdote autêntico, que não abjura da batina, nem da tonsura e que não dispensa as meias vermelhas da sua condição. Dele acabo de receber o seguinte telegrama:

"Visito caro amigo, pedindo notícias nossos amigos de "O Liberal". Comunico dia 6 corrente, 14 horas, recebi solenemente, título cidadão cidade Muriaé, Estado de Minas, decreto respectiva Câmara Municipal, recordação aos dois anos em que lá vivi, como padre, nos anos de 1931 e 32. Abraços (a) Monsenhor Barros".